

Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: 241 anos de história

CATARINA SCHRECK REIS & PAULO RENATO TRINCÃO

*CIDTFF - Centro de Investigação Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro e
JBUC - Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*
cschreckreis@uc.pt; paulo.trincao@uc.pt

Resumo

O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra é um espaço único e privilegiado localizado no centro da cidade de Coimbra. Ao longo dos 241 anos de existência foram várias e distintas as funções desempenhadas por este jardim histórico. A existência de um local onde pudessem ser estudadas as plantas vivas que complementasse o estudo da história natural foi o principal objectivo de criação do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, utilizado numa fase inicial maioritariamente por alunos de medicina. Nos finais do século XIX intensificam-se as permutas de plantas e sementes com os principais Jardins Botânicos da Europa e de outras partes do mundo. Alguns anos mais tarde, um forte investimento é feito tendo em vista a utilização do Jardim como espaço público de lazer. O período entre os anos 40 e 60 do século XX foi de grandes intervenções no Jardim devido às denominadas “Obras de arranjo e aformoseamento do Jardim”. 2013 é o ano que marca uma viragem para o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Embora mantendo uma linha de continuidade com a direcção anterior, pretende-se reestruturar alguns espaços e serviços do Jardim, dotando-os de uma maior utilidade e dinamismo.

Palavras-Chave: Jardim botânico; Universidade de Coimbra; história

1. UM JARDIM PARA MOSTRAR PLANTAS VIVAS

1.1 OS NOVOS ESTATUTOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Foi em 1772, no decorrer das reformas na educação ditadas pelo Marquês de Pombal, que nos novos Estatutos da Universidade de Coimbra é mencionada a necessidade de criação de um Jardim Botânico:

“AindaquenoGabinetedehistorianaturalseincluemasProduçõesdoReinoVegetal; como porém não podem ver-se nelle as Plantas, senão nos seus Cadaveres, secos, macerados,e embalsamados; será necessario para complemento da mesma História o Estabelecimento de hum Jardim Botanico, no qual se mostrem as Plantas vivas. Pelo que: No lugar, que se achar mais proprio, e competente nas vizinhanças da Universidade, se estabelecerá logo o dito jardim: Para que nelle se cultive todo o genero de Plantas: e particularmente aquellas, das quaes se conhecer, ou esperar algum prestimo na Medicina, e nas outras Artes; havendo o cuidado, e providencia necessária, para se ajuntarem as Plantas dos meus Dominios Ultramarinos, os quaes tem riquezas immensas no que pertence ao Reino Vegetal. (...)” (In Estatutos da Universidade de Coimbra, 1772)

D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho, o então reitor da Universidade, foi assim incumbido de encontrar o local apropriado para a instalação do Jardim, tendo sido auxiliado pelo professores italianos Domingos Vandelli, João Dalla-Bella, Miguel Ciera e Miguel Franzini entretanto chegados a Coimbra (Brites, 2006). Escolhido o terreno, perto da Universidade junto aos Arcos do Aqueduto, deu o Marquês ordens imediatas para que tratassem de o adquirir. O terreno em questão pertencia ao Colégio de São Bento, e tendo o Abade Benedictino receio de que lhe iam tirar toda a Cerca, decidiu sacrificar uma parte, que ofereceu gratuitamente à Universidade (Teixeira, 1890).

1.2 VANDELLI, O PRIMEIRO DIRECTOR

Definido o local, foi em seguida projectado o Jardim Botânico pelos naturalistas italianos Vandelli e Dalla-Bella e pelo jardineiro Júlio Mattiazzi, vindo do Jardim de Pádua (Figura 1).

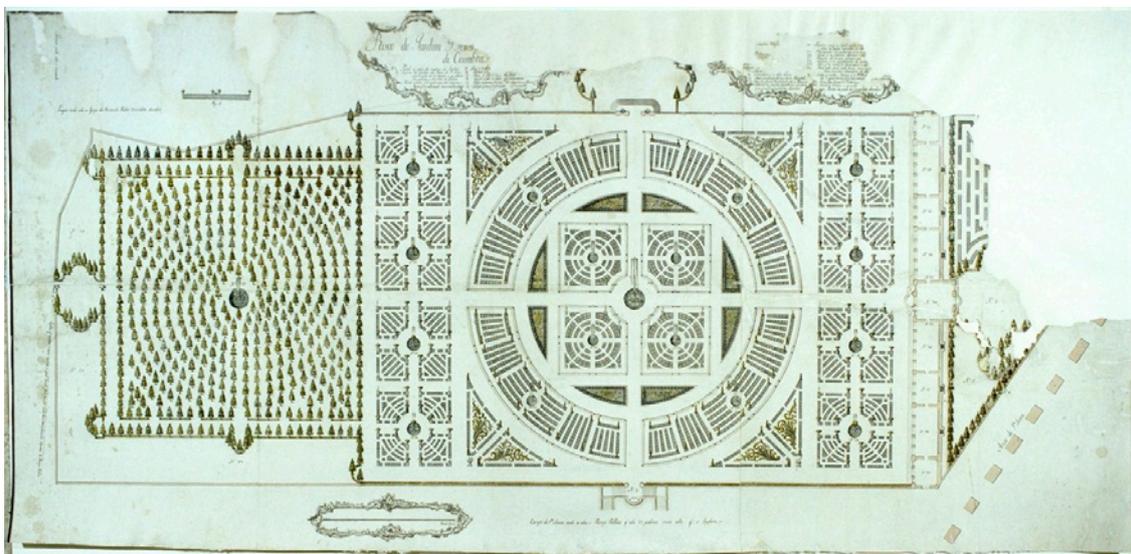


Imagem 1 – Risco do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, 1773 (Biblioteca de Botânica da Universidade de Coimbra).

O envolvimento neste primeiro risco do Jardim por parte do Tenente Coronel Guilherme Elsdén, responsável pela execução dos desenhos e plantas dos estabelecimentos universitários, é várias vezes citado mas não é no entanto claro o seu envolvimento (Brites, 2006; Paiva & Pereira, 1989). Tais dúvidas surgem em parte pelo estado deteriorado em que o plano original se apresenta, *não permitindo a identificação da sua autoria*, uma situação que era já assinalada por *Júlio Henriques há 137 anos atrás* (Henriques, 1876).

A 5 de Outubro de 1773 Marquês de Pombal manifesta por carta a sua indignação em relação ao plano apresentado para o Jardim:

“(…) Os dictos professores são italianos: e a gente d’esta nação, costumada a ver deitar para o ar centenas de mil cruzados de Portugal em Roma, e cheia d’este entusiasmo, julga que tudo o que não é excessivamente custoso não é digno do nome portuguez ou do seu nome d’elles. (...) Eu, porém, entendo até agora,

e entenderei sempre, que as cousas não são boas porque são muito custosas e magnificas, mas sim e tão somente porque são proprias e adequadas para o uso que d'ellas se deve fazer.(...)” (In Carvalho, 1872)

Foi assim refeito o risco do Jardim em moldes mais modestos, começando pelo terraplano central que em 1774 estava pronto a receber as primeiras plantas, vindas por mar do Real Jardim Botânico da Ajuda (Carvalho, 1872). Domenico Vandelli, que tinha em 1768 fundado o primeiro Jardim Botânico Português, na Ajuda em Lisboa, veio assim a ser também o primeiro director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, cargo que desempenhou até 1791 (Guimarães, 2008a).

2. NOVOS ESPAÇOS E FUNÇÕES PARA O JARDIM

2.1. BROTERO, O *LINEU* PORTUGUÊS

Em 1791 comemorou-se a conclusão das obras no grande quadrado do Jardim (Carvalho, 1872), sendo colocado na entrada deste um portão com uma inscrição dedicada à Rainha D. Maria I, monarca reinante na época (Brites, 2006). Nesse mesmo ano de 1791 Domingos Vandelli foi jubilado por carta régia e Félix de Avelar Brotero graduado sem defender tese nem exame. Convidado para regente da cadeira de Botânica e Agricultura, Brotero assumiu também a partir desse ano a direcção do Jardim Botânico.

Ao contrário de Vandelli, que não correspondera ao pedido de Lineu para estudar a flora portuguesa, Brotero levou a sério essa tarefa, tendo percorrido todo o país e trazendo das suas viagens muitas plantas até então desconhecidas ou pouco estudadas, que introduziu no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (Braga, 1898). Descrevia assim o Jardim o médico e naturalista alemão Heinrich Friedrich Link que visitou Coimbra em 1799:

“O Jardim botanico é mui vasto e as estufas pequenas; mas pelos cuidados do seu director Felix de Avelar Brotero, lente de Botanica, este estabelecimento foi superiormente organizado e é mais interessante do que o Jardim botanico de Lisboa. Acha-se junto de cada planta uma estaca, na qual está escripto seu nome, distribuição semelhante á do Jardim das Plantas em Paris (...). Além de varias plantas exóticas, encontra-se alli uma collecção das notáveis, que o digno inspector observou e descreveu com muito cuidado.” (In Braga, 1898)

Do trabalho realizado ao longo de vários anos, publicou Brotero em 1804 a primeira flora portuguesa completa, intitulada *Flora Lusitânica*, onde descrevia em latim 1885 espécies utilizando por base o sistema de classificação de Lineu, o qual tentou em algumas situações aperfeiçoar (Carvalho, 1987).

A 5 de Março de 1807 Brotero enviou ao reitor da Universidade um longo relatório onde enumerou todas as partes essenciais e secundárias que considerava que deviam fazer parte do Jardim Botânico, indicando o que estava feito e o que faltava fazer (Henriques, 1876). É ainda nesse ano que é feita a compra da Cerca do Colégio de S. José dos Marianos, aumentando quase para o dobro a área do Jardim

e permitindo dar-lhe uma forma mais regular (Figura 2). Na sequência das Invasões francesas Brotero refugia-se em Lisboa, tendo no entanto permanecido como director do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra até 1811.

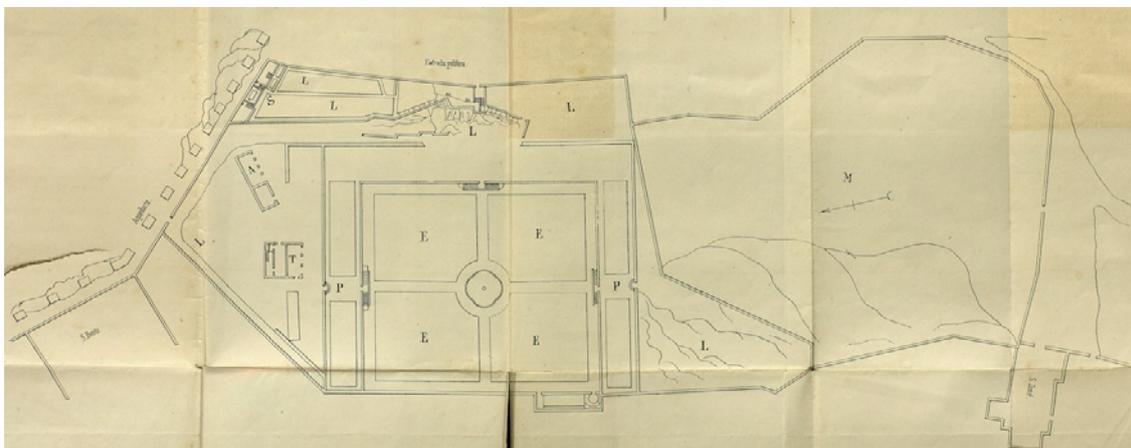


Imagem 2 – Planta do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra por volta de 1800 (In Henriques, 1876)

No Quadrado Central do Jardim existem ainda hoje duas árvores que datam da época em que Brotero dirigia o Jardim. Facilmente reconhecidas por se encontrarem fora do alinhamento dos canteiros, são elas: *Erythrina crista-galli* L. e *Cryptomeria japonica* (Thunb. ex L.f.) D. Don. (Paiva, 1981; Castel-Branco, 2004).

2.2. UM JARDIM MURADO

Sucedeu a Avelar Brotero, na regência da cadeira de Botânica e na direcção do Jardim Botânico, António Neves de Mello (Henriques, 1876). Foi no decorrer do seu mandato que foram retomadas as obras entretanto suspensas durante o período das Invasões Francesas. Entre 1814 e 1821 foram assim feitas algumas das obras mais importantes no Jardim como a construção dos três terraços entre a Alameda Superior e a Alameda Central e ainda a colocação da imponente gradaria em pedra, ferro e bronze que resguarda o Jardim (Simões, 1882). Foi também nesta altura aprovado o projecto para o portão principal, da autoria de José do Couto dos Santos Leal (Brites, 2006) (Figura 3).

Do ponto de vista científico não foram tão significativos os progressos nesta época, situação que levou Brotero, a quem Neves e Mello tanto tinha ajudado na elaboração da Flora Lusitânica, a tecer duras críticas ao estado em que se encontrava o Jardim num documento enviado ao Reitor em 1816:

“(…) Portanto, ainda que o Jardim tenha actualmente mais extensão em terreno, e este esteja guarnecido de novos muros, e socalcos, nada d’isto tem influido no melhoramento do que lhe é essencial, considerado como Jardim Philosophico; antes a este respeito tem proporcionalmente sido deteriorado. O que n’elle se observa são canteiros, quasi inteiramente destituídos de plantas, e sem chapas que indiquem a classificação e nomenclatura dos generos e espécies; são pedaços de terra nivelados, em que somente se vêem alguns legumes e hortaliças cultivadas para casa do inspector e para os serventes; são quasi duas dúzias de

espécies de flores do verão das mais ordinárias que se cultivam nos quintaes, e enfim são algumas ruas principiadas com fileiras de buxo e quasi total vacuidade de árvores.” (In Braga, 1902)



Imagem 3 – Projecto para o portão principal do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, 1818 (In Laboratório do Mundo, 2004).

A situação em que Neves e Mello tinha encontrado o Jardim quando tomou posse era no entanto difícil, com apenas um jardineiro e sete criados, decretando a Faculdade de Philosophia apenas alguns anos mais tarde que se tomassem as diligências necessárias para haver no Jardim gente competente (Henriques, 1876). Foi ainda determinado o melhoramento da terra e a elaboração de etiquetas para a Escola Botânica.

Em 1882 Neves e Mello elaborou o Catálogo do Jardim onde referia a existência de 1834 espécies de plantas e um depósito de 4000 espécies de sementes. Expulso da Universidade nesse mesmo ano, viria a retomar o cargo de director do Jardim Botânico entre 1825 e 1834, data em que foi pela segunda vez demitido por ser adverso às ideias liberais (Henriques, 1876).

3. ESPÉCIES EXÓTICAS PARA O JARDIM

3.1. A CONSTRUÇÃO DA ESTUFA

O período de 1834 a 1854 é o de menos movimento no Jardim Botânico, tanto na parte material como na científica (Henriques, 1876). Ainda assim foram nesta época construídos os lanços de escadas da Alameda Central, e, em 1844, colocada a porta de ferro no portão principal, uma obra de serralharia do mestre Manuel Bernardes Galinha, nome inscrito na fechadura (Mendes, 2000). Em 1852, sendo director Antonino Rodrigues Vidal, foi apresentada a proposta de construção de uma estufa, que veio a ser aprovada apenas dois anos mais tarde, estando o Jardim já sob a direcção de Henrique Couto d'Almeida.

Da autoria do engenheiro francês Pedro José Pezerat, as obras da estufa foram iniciadas de imediato e em apenas um ano estavam concluídos os alicerces (Brites, 2006). Sendo insuficiente a produção de ferro em Coimbra (Mendes, 2000), foi celebrado em Julho de 1857 um contrato com o Instituto Industrial de Lisboa para a execução da estufa. Três anos depois grande parte da estufa encontrava-se já de pé, mas por motivos sobretudo financeiros não foi possível concluir a obra. Apenas em 1862 foi encomendada a última parte da estufa, desta vez à Fundação de Massarelos no Porto (Brites, 2006).

Em 1865, a estufa, composta por três salas com temperaturas distintas, estava concluída e pronta a receber plantas (Figura 4). Esta obra que ainda hoje é possível ver no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra terá certamente sido perscrutora da arquitectura de ferro em Portugal (Sousa, 2001).

Ainda no mesmo ano de 1865 foram iniciadas as obras para a construção de duas estufas anexas de pequenas dimensões, destinadas à multiplicação e a culturas especiais (Henriques, 1876). Uns anos mais tarde uma outra estufa foi construída, exclusivamente destinada a fetos (Junior, 1873 e 1874). Na planta do Jardim de 1876 são representadas as 5 estufas existentes e as colecções que albergam:

“E – Na grande estufa o corpo central serve como estufa fria e contém as plantas gordas, algumas palmeiras, a *Strelizia augusta*, um bello exemplar do *Pandanus utilis* e algumas plantas, que, apesar de poderem ser cultivadas ao ar livre, ahí melhor se desenvolvem e fructificam. EI - Um dos corpos lateraes serve de estufa quente, apesar de ser aquecida deficientemente. Contém uma collecção bastante numerosa de palmeiras e Aroideas. EII - O outro corpo funcçioa como estufa temperada e nelle se faz grande parte da sementeira de plantas mais delicadas. EIII - Numa pequena estufa são cultivadas as Orchideas, e algumas outras plantas, entre as quaes se encontra o *Desmodium girans*, notável por seus movimentos.

EIV – Na estufa imediata faz-se a multiplicação e cultivam-se ainda algumas plantas, que exigem temperatura elevada. Está ahi a *Ouvirandra fenestrata*, curiosíssima planta de Madagascar. EV – Na ultima estufa são cultivados os fetos, sendo notáveis pelas suas dimensões os exemplares mandados da Austrália pelo sábio botanico Barão de Muller.” (In Henriques, 1876)



Imagem 4 - Gravura da Estufa do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, de Joaquim Mariz, 1867 (Biblioteca de Botânica da Universidade de Coimbra).

Após a conclusão da estufa do Jardim foi, em 1866, contratado para dirigir os trabalhos de cultura de plantas o jardineiro alemão Edmond Goëze que tinha já trabalhado nos Jardins Botânicos de Kew em Inglaterra e de Paris em França. Apercebendo-se da necessidade de aquisição de plantas adequadas para a estufa, o director do Jardim, Couto d’Almeida, enviou o jardineiro-chefe à Ilha de São Miguel, nos Açores, onde este estabeleceu vários contactos e em algumas semanas reuniu cerca de mil espécies para a nova estufa (Sousa, 2000). Foram ainda estabelecidos posteriormente contactos com Jardins Botânicos estrangeiros para troca e aquisição de plantas oriundas da Europa, África, Brasil ou Austrália.

3.2. O *INDEX SEMINUM*

É também por iniciativa do então jardineiro-chefe do Jardim, Edmond Goëze, que em 1868, estando o Jardim Botânico novamente sob direcção de Antonino

Rodrigues Vidal, foi publicado o primeiro *Index Seminum* (Carvalho, 1872). Este catálogo enumerava as sementes que o Jardim possuía para troca com instituições congéneres, uma prática comum que vigora até aos dias de hoje. Inicialmente com apenas 380 espécies disponíveis, o catálogo foi publicado todos os anos ininterruptamente até 1918, ano em que Luís Carrisso assumiu a direcção do Jardim Botânico por jubilação de Júlio Henriques.

Por razões diversas, essencialmente relacionadas com falta de pessoal competente, os serviços de troca de sementes foram suspensos e alvo de uma reestruturação profunda entre 1923-1926 por orientação de Luís Carrisso. Uma maior precisão na identificação das espécies, uma melhoria das embalagens e maior rapidez na distribuição foram alguns dos aspectos tidos em conta e que em apenas um ano conduziram a uma duplicação no número de amostras de sementes solicitadas (Carrisso, 1932).

Em 1959, sob direcção de Abílio Fernandes, o *Index Seminum* atingiu o seu valor máximo em número de espécies disponíveis, num total de 2758, pertencentes a 155 famílias. No final do século XX, sob direcção de José Mesquita, o *Index Seminum* passou a estar disponível *on line* e a receber pedidos também por via electrónica (Pereira Coutinho, 2005).

4. UM DIRETOR EM QUARENTA E CINCO ANOS

4.1. JÚLIO HENRIQUES

Foi nomeado lente catedrático e regente da cadeira de Botânica e Agricultura em Janeiro de 1873 Júlio Augusto Henriques. Doutorado em Filosofia, tinha como paixão o estudo e ensino da Botânica, ciência que na época não era muito considerada em Portugal. A Universidade de Coimbra não possuía na altura um museu botânico, nem laboratórios, nem biblioteca botânica, nem um herbário organizado (Guimarães, 2008b).

“Não dispondo de grandes meios, e não podendo por isso vencer muitas dificuldades, que se oppõem ao progresso rapido d’este estabelecimento, tenho posto todo o meu empenho em tornar o Jardim proprio para que os alumnos, que cursam a Botanica, possam nelle achar os meios de instrucção, que lhes é necessaria.” (In Henriques, 1876)

Homem empreendedor e visionário, Júlio Henriques soube criar as condições que considerava serem necessárias ao ensino da Botânica. Estabeleceu relações com outros Jardins Botânicos promovendo a troca de plantas, reuniu pessoal qualificado para o trabalho do Jardim e realizou novas plantações nos diferentes espaços do Jardim (Guimarães, 2008b) (Figura 5). Deve-se também a Júlio Henriques a organização do Herbário, a criação de uma biblioteca de botânica e a fundação do Museu Botânico (Rodrigues, 1992).

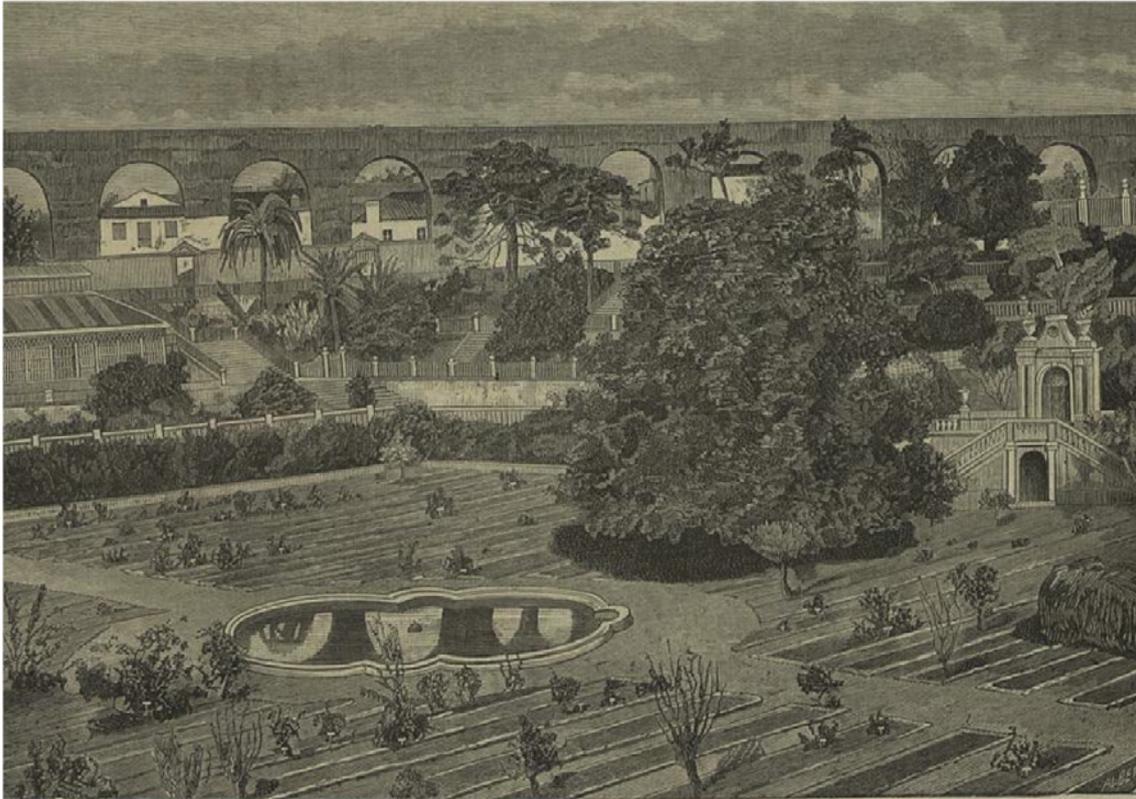


Imagem 5 – Quadrado Central do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (*In O Occidente*, 1882).

Para além dos trabalhos desenvolvidos no Jardim da Universidade, Júlio Henriques foi ainda o responsável pelos projectos de arborização de alguns espaços verdes da cidade de Coimbra, nomeadamente pela Quinta de Santa Cruz, espaço que actualmente corresponde à Avenida Sá da Bandeira e Jardim da Sereia (Fonseca, 2009) e pela introdução de algumas espécies exóticas exemplares noutros espaços emblemáticos da cidade como a Mata do Choupal e a Mata de Vale de Canas (ICNF, 2005).

Em 1879 Júlio Henriques decidiu fundar a primeira sociedade científica dedicada à promoção do estudo da botânica (Rodrigues, 1992). Em homenagem a Avelar Brotero, que tanto admirava, é-lhe dada a designação de Sociedade Broteriana. Para publicação e divulgação dos estudos efectuados essencialmente sobre a flora portuguesa foi criado em 1883 o Boletim da Sociedade, revista periódica que mantém a sua publicação até aos dias de hoje (Loureiro, 2007).

Júlio Henriques acumulou as funções de docência com as de investigação e direcção do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, tendo sido o director que mais tempo esteve à frente do Jardim, durante um período de 45 anos. No ano da sua jubilação, em 1918, a Alameda paralela à entrada principal do Jardim Botânico recebeu o nome de Alameda Júlio Henriques (Brites, 2006).

4.2. O COLÉGIO DE SÃO BENTO

Quando assumiu a direcção do Jardim, Júlio Henriques tinha um novo espaço à disposição, com óptimas condições para proceder às reformas que considerou

adequadas em benefício do desenvolvimento da botânica. Extinto em 1868 o Colégio de São Bento, parte do edifício tinha sido entregue à Faculdade de Filosofia, tendo-se procedido a amplas obras e demolições de modo a ligar o edifício ao Jardim Botânico (Henriques, 1876).

Neste edifício foram instaladas todas as dependências do Jardim que incluíam a sala de aula, os gabinetes de trabalho, as habitações dos criados, a oficina, as casas de arrecadações, o museu botânico, os herbários e a livraria (Figura 6).

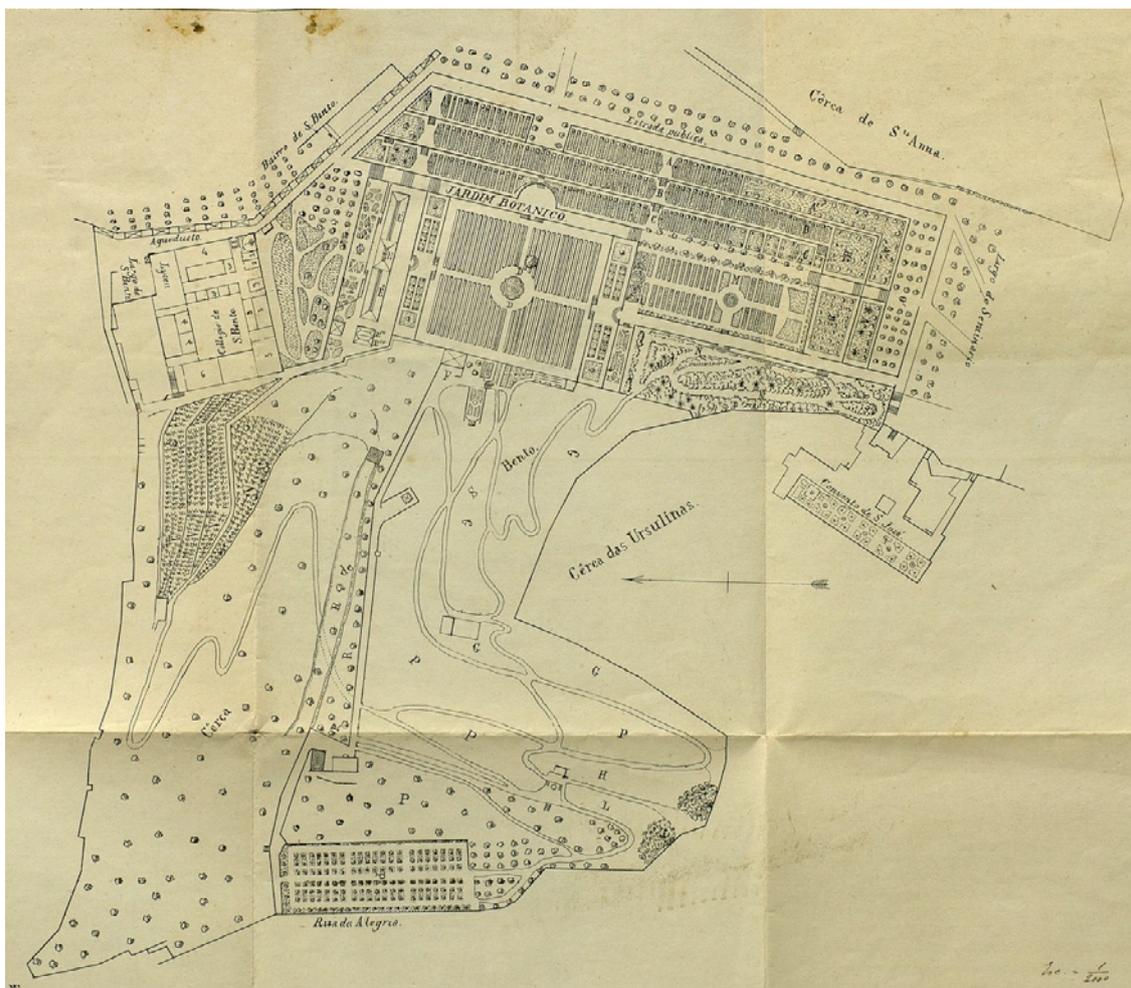


Imagem 6 – Planta do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra em 1873 (In Henriques, 1876).

A 25 de Abril de 1925 é publicado um Decreto que determina que o Jardim e seus anexos – Herbário, Museu, Biblioteca e Laboratório – passam a ter a designação de Instituto Júlio Henriques (Gazeta de Coimbra, 1925; O Instituto, 1925).

4.3. MUDANÇAS NO JARDIM

Apesar da difícil situação financeira vivida no Jardim na segunda metade do século XIX, que recebia uma dotação anual de apenas 450\$000 réis (Carvalho, 1918), foi ainda assim possível proceder a algumas novas plantações, em grande parte devido às frequentes ofertas recebidas de muitas pessoas generosas.

Em 1887 foi erguida no Jardim Botânico a primeira estátua em Portugal a homenagear um homem da ciência. Por sugestão de Júlio Henriques, foi edificada uma estátua de Avelar Brotero junto à entrada principal do Jardim. A obra, a cargo do escultor Soares dos Reis, custou 1511\$540 réis e foi em grande parte paga com as doações recebidas da casa real, de sociedades científicas, de muitos professores e pessoas anónimas que quiseram contribuir (Henriques, 1890) (Figura 7).



Imagem 7 – Monumento a Avelar Brotero no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (*In História da Ciência na Universidade de Coimbra, 2013*)

Alguns anos mais tarde, Júlio Henriques promoveu mais algumas alterações no Jardim, procedendo à plantação de bambus, concluindo a plantação da emblemática Alameda das Tílias, reformulando o Quadrado Central (Figura 8) num jardim geográfico e replantando os terraços superiores, uns com plantas ornamentais e outros com plantas organizadas por famílias botânicas. Foi ainda nesta altura terminada a colocação do gradeamento em pedra e ferro nos espaços interiores do Jardim (Brites, 2006).

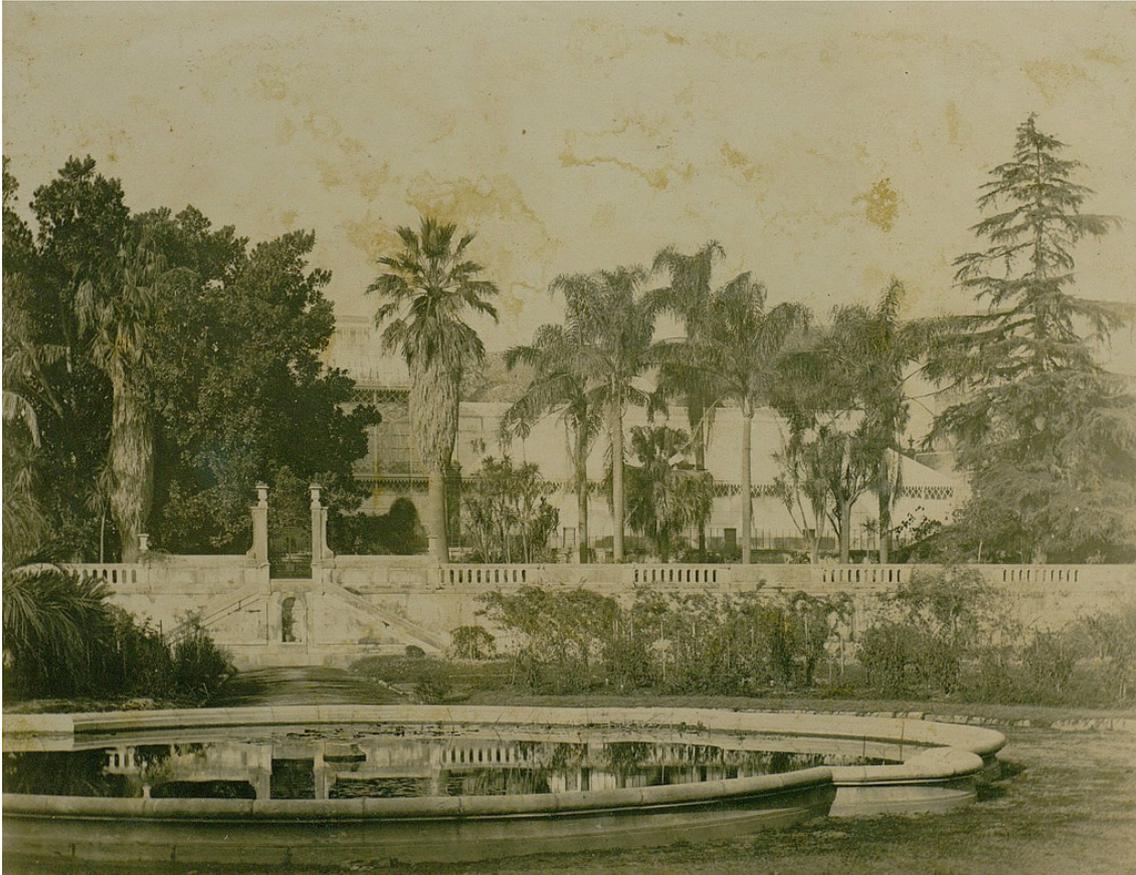


Imagem 8 – Quadrado Central do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, 1917 (Biblioteca de Botânica da Universidade de Coimbra).

5. O ÚLTIMO PERÍODO CONSTRUTIVO

5.1. CARRISSO E AS MISSÕES BOTÂNICAS

Após a jubilação de Júlio Henriques, em 1918, Luís Carrisso assumiu a direção do Jardim Botânico empenhado em continuar o trabalho do seu mestre e antecessor na promoção do ensino e estudo da Botânica, elevando-a mesmo ao reconhecimento internacional (Martins, 2011). Para tal, continuou a desenvolver relações com outros Jardins Botânicos promovendo a troca de plantas e sementes e reestruturou o Banco de Sementes cujo catálogo, o *Index Seminum*, chegou a ser considerado um dos melhores do mundo tendo em conta o número e diversidade de plantas, bem como o rigor científico com que era apresentado (Guimarães, 2008c).

Luís Carrisso conseguiu dar novas funções ao Jardim, conciliando a sua utilização por diferentes públicos. Por um lado manteve no Jardim as colecções de plantas necessárias ao estudo dos alunos e à pesquisa dos investigadores, mas criou também novas áreas visitáveis ao público onde foram plantadas grandes árvores e plantas ornamentais (Brites, 2006). Foi ainda durante o período em que Carrisso

dirigiu o Jardim que as estufas foram alvo de uma profunda intervenção, com vista à sua modernização ao nível do aquecimento (Guimarães, 2008c) (Figura 9). Após a conclusão das obras, foi introduzida a espécie *Victoria amazonica* (Poepp.) J.C. Sowerby, o maior nenúfar do mundo. Desde então semeado anualmente, o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra é o único local de Portugal e um dos poucos locais da Europa onde é possível encontrar esta espécie.



Imagem 9 - Restauro da Estufa do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, 1934 (Biblioteca de Botânica da Universidade de Coimbra).

Como investigador, Carrisso defendeu que houvesse um maior investimento das instituições portuguesas em cientistas portugueses no estudo e exploração das riquezas, nomeadamente botânicas mas não só, nas possessões ultramarinas (Varanda, 2007). Em 1927, partiu na primeira de três missões que fez a Angola. Para além do estudo da flora angolana, que resultou na publicação do *Conspectus Florae Angolensis*, foram grandemente enriquecidas as colecções do Jardim e também do Herbário e Museu Botânico (Brites, 2006). Na terceira expedição a este país, realizada em 1937, Carrisso morreu devido a uma síncope cardíaca, ficando o Jardim por alguns anos sob direcção de dois professores da Faculdade de Ciências até Abílio Fernandes prestar provas e ser nomeado professor catedrático, o que aconteceu em 1942.

5.2. ABÍLIO FERNANDES E AS OBRAS DE AFORMOSEAMENTO

Entre 1942 e 1974 Abílio Fernandes assumiu a direcção do Jardim Botânico naquele que foi o seu último período construtivo (Brites, 2006). Perante um espaço que tantas necessidades apresentava, foi com satisfação que Abílio Fernandes reuniu com a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC) e confirmou a possibilidade de proceder às remodelações pretendidas (Barros Neves, 1980).

As então designadas “Obras de arranjo e aformoseamento” decorreram no Jardim entre 1944 e 1950. No que respeita às infra-estruturas foi restaurada a gradaria, escadas e portões, instalado um depósito de água, construídas as dependências do pessoal e as arrecadações, bem como recuperada a casa do jardineiro. Foi ainda construída a Estufa Fria e a ponte de ligação entre a Mata e o Jardim Clássico. Do ponto de vista do embelezamento foi colocado o Fontanário no lago existente no Quadrado Central e colocados cerca de uma centena de bancos em todo o Jardim (Brites, 2006).

Abílio Fernandes não quis deixar de prestar homenagem aos seus antecessores mais próximos, e conseguiu financiamento para executar uma estátua de Júlio Henriques e um medalhão de Luís Carrisso (Barros Neves, 1980). A todas estas mudanças acresceu ainda a substituição de muitas toneladas de terra dos canteiros, a plantação de muitas espécies até aí não representadas no Jardim, e a colocação de placas identificativas das plantas do Jardim. O Quadrado Central foi alvo de uma profunda reformulação, com a criação de sebes de diferentes altura, a instalação de zonas relvadas e a plantação vários arbustos e plantas com flor (Figura 10).

Em 1969 é extinta a CAPOCUC e em 1974 Abílio Fernandes deixa a direcção do Jardim, depois de uma vida intensa também como professor e investigador nas áreas da sistemática e citologia (Quintanilha, 1980). Nos anos 90, sob direcção de José Mesquita, a Mata do Jardim volta a ser alvo de intervenção, sendo calcetados todos os caminhos principais. Seis anos mais tarde o Jardim Botânico é reconhecido e classificado como imóvel de interesse público (Decreto-Lei nº 2/96 de 6 de Março).

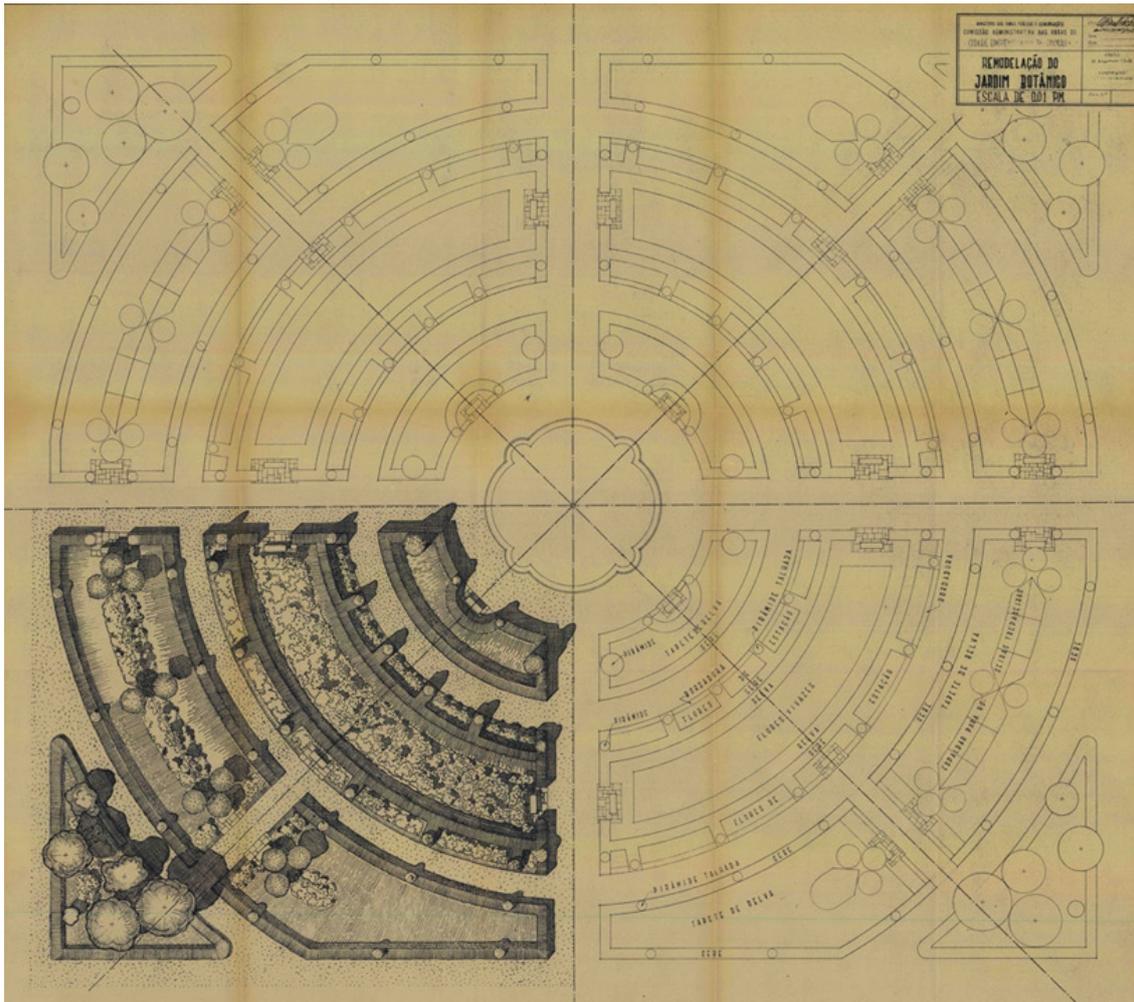


Imagem 10 - Remodelação do Quadrado Central do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, 1945 (In Brites, 2006).

6. NOVOS PROJETOS NO SÉCULO XXI

6.1. O JARDIM AUTÓNOMO EM ÁGUA

No início do século XXI, estando o Jardim sob a direcção de Helena Freitas, foi apresentada uma candidatura a um projecto pela Associação Portuguesa dos Jardins Históricos com vista à recuperação de sistemas hidráulicos, muros e caminhos em jardins históricos em 12 jardins portugueses (Soares *et al.*, 2010).

A intervenção no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra foi feita a dois níveis. Na mata do Jardim foi feita a prospecção e limpeza da Fonte de Santa Escolástica, ou Fonte dos 3 Bicos, que se encontrava coberta de vegetação, com posterior cartografia do sistema de condução de água. No Jardim Clássico foi introduzido um sistema de rega automatizada para utilização da água da mina e do furo de abastecimento efectuado, o que permitiu eliminar a utilização da água da rede pública, que por ser tratada representava um custo superior e não era adequada para a rega de plantas (Simão *et al.*, 2013).

6.2. REQUALIFICAÇÃO DAS INFRA-ESTRUTURAS DO JARDIM

Apresentado em 2010, sob a direcção de Helena Freitas, encontra-se ainda a decorrer no Jardim o projecto “Requalificação das infra-estruturas de apoio e divulgação da ciência no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra”. Este projecto prevê o reforço e reabilitação de algumas das infra-estruturas científicas e tecnológicas que asseguraram o contributo histórico no sentido de as dotar de melhores e mais modernas condições. As grandes áreas de actuação passarão pela reabilitação da estufa tropical e da estufa fria, a edificação de uma nova estufa de investigação, pela melhoria das condições de armazenamento do banco de sementes e ainda pela edificação de um espaço de divulgação de ciência e melhoria do equipamento de apoio do Jardim.

6.3. UMA NOVA REESTRUTURAÇÃO ORGÂNICA

Reconhecido como Património Mundial, 2013 é o ano que marca uma viragem no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (Figura 11). Embora mantendo uma linha de continuidade com a direcção anterior, associa-se a reestruturação de alguns espaços com a definição de novas áreas de intervenção. Continuando a desempenhar as suas funções como espaço privilegiado de ensino e investigação, agora desenvolvidos com maior dinamismo, o Jardim irá também abrir-se a novos desafios e promover outras áreas como a divulgação da cultura científica, o espaço público de lazer e o turismo que tinham uma abordagem menos significativa.

A nova estruturação do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra assenta em cinco grandes linhas estratégicas:

1. Conhecimento e Investigação Científica: Com vista a incentivar o desenvolvimento de actividades de investigação científica com base nas plantas existentes no Jardim, serão proporcionadas à comunidade científica todas as acessibilidades e condições adequadas de investigação. A preservação das colecções botânicas existentes será fortalecida, e paralelamente fomentada a criação de novos espaços para cultura de plantas necessárias a uma investigação inovadora. O estudo da História do Jardim e a sua Arquitectura e Património será promovido e divulgado com vista a torná-lo uma referência mundial na História da Ciência.
2. Divulgação de Ciência e Cultura Científica: O Jardim terá como uma das suas prioridades contribuir para a compreensão social das plantas, estabelecendo pontes com as referências de proximidade entre pessoas e espécies vegetais. Será igualmente fortalecida a promoção da cultura científica através da divulgação não formal das colecções botânicas, para conhecimento, fruição e apreciação de diferentes públicos.
3. Serviço Educativo: A reestruturação do serviço educativo visa dotar o Jardim de programas com maior diversidade, flexibilidade e visibilidade, pensado em função dos perfis e necessidades dos vários públicos. O objectivo passa por

- aproximar o Jardim da comunidade estudantil nacional de todos os níveis, abrir o Jardim às famílias que pretendam realizar visitas e atividades educativas e consciencializar as crianças e jovens para a importância do ambiente na vida humana, animal e vegetal, despertando-lhes o interesse pela ciência, pela natureza e pela botânica.
4. Ágora – Cidadania e Espaço Público de Lazer: Tendo em conta a localização do Jardim no centro da cidade, considera-se que o usufruto dos cidadãos deste espaço para lazer deverá ser também uma das áreas estratégicas a promover. Através da criação de parcerias com instituições e organizações da sociedade civil, será potenciado o conhecimento e usufruto dos cidadãos do património natural, cultural e edificado. Para tal, o Jardim dotará o seu espaço com as infra-estruturas necessárias para uma utilização de lazer, tais como a implementação de um novo mobiliário urbano, a definição de mapas e percursos e a criação de espaços permanentes de divulgação científica, cultural e artística.
 5. Turismo: Embora sendo um espaço que actualmente se encontra aberto e com entrada gratuita, para a devida promoção turística do Jardim será necessário primeiramente dotá-lo de um conjunto de valências físicas como a melhoria das acessibilidades, a implementação de serviços de apoio, a disponibilidade de mobiliário urbano e de sinalética adequada. Posteriormente serão criados vários produtos turísticos com ênfase no serviço de visitas guiadas diárias direcionadas para este tipo de público, em diferentes idiomas, apoiados por um conjunto de materiais gráficos e editoriais, com informações sobre o Jardim para venda e distribuição aos turistas.

A par das áreas estratégicas de actuação acima descritas, o Jardim aposta ainda no desenvolvimento activo de uma política de sustentabilidade financeira e de comunicação e promoção que permitam alcançar os objectivos propostos. Será assim possível garantir a continuidade deste novo rumo agora traçado, gerando uma imagem positiva na sociedade local, nacional e internacional deste espaço único, recentemente classificado como Património Mundial da Humanidade, que é o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra.



Imagem 11 – Alameda Central do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, 2013 (Arquivo do Jardim)

REFERÊNCIAS

- Barros Neves, J. (1980) 'Prof. Doutor Abílio Fernandes'. *Boletim da Sociedade Broteriana*, vol. LIII, 2ª série, 1ª parte: VII-XXXVIII.
- Braga, T. (1898) *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrução Pública Portuguesa*. Tomo III - 1700-1800, Lisboa, Typografia da Academia Real de Ciências.
- Braga, T. (1902) *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrução Pública Portuguesa*. Tomo IV - 1801-1872, Lisboa, Typografia da Academia Real de Ciências.
- Brites, J. (2006) 'Jardim Botânico de Coimbra: contraponto entre a arte e a ciência' in Bernaschina P., *Transnatural*, Coimbra: Artez.
- Carriso, L. W. (1932) *Notice sur le servisse d'échange de graines*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Carvalho, A.F. (1918) 'O ensino da Botânica e o Jardim Botânico'. *O Instituto*, 65: 261-274.
- Carvalho, J.A.S. (1872) *Memoria Histórica da Faculdade de Philosophia*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Carvalho, R. (1987) *A História Natural em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa, Biblioteca Breve, 112, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Ministério da Educação.
- Castel-Branco, C. (2004) *Félix de Avelar Brotero: botaniste portugais (1744-1828)*, Paris/Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)* Compilados debaixo da immediata e suprema inspecção d'el-Rei D. José I pela Junta de Providencia Litteraria, Lisboa: Regia Officina Typografica.

- Fonseca, R. (2009) *Coimbra, a cidade verde – introdução à análise dos espaços verdes da cidade de Coimbra*. Prova final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.
- Gazeta de Coimbra (1925) *Consagrando um sábio – A sessão de Homenagem ao sr. Dr. Júlio Henriques*. Ano XIV, 19 de Maio.
- Guimarães, J. (2008) *Vandelli, Domenico, 1735-1816*. Biblioteca Digital de Botânica. <http://bibdigital.bot.uc.pt> [consultado a 30 setembro 2013]
- Guimarães, J. (2008a) *Henriques, Júlio Augusto, 1838-1928*. Biblioteca Digital de Botânica. <http://bibdigital.bot.uc.pt> [consultado a 30 setembro 2013]
- Guimarães, J. (2008c) *Carriso, Luís Wittnich 1886-1937*. Biblioteca Digital de Botânica. <http://bibdigital.bot.uc.pt> [consultado a 30 setembro 2013]
- Henriques, J.A. (1876) *O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Henriques, J.A. (1890) *O monumento a Brotero*. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- História da Ciência na Universidade de Coimbra (2013) http://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/galeria [consultado a 30 setembro 2013]
- ICNF-Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (2011) *Mata Nacional de Vale de Canas* <http://portal.icnb.pt/NR/rdoonlyres/3D0418EB-9802-4DC5-B9A9-AFCBDBF70FFE/0/ValedeCanas.pdf> [consultado a 30 setembro 2013]
- Junior, O. (1873) 'Chronica Horticolo-Agricola'. *Journal de Horticultura Prática*, vol. IV: 75-80.
- Junior, O. (1874) 'Chronica Horticolo-Agricola'. *Journal de Horticultura Prática*, vol. V: 155-160.
- Laboratório do Mundo – Ideias e Saberes do Século XVIII (2004) São Paulo / Lisboa: Imprensa Oficial / Pinacoteca.
- Loureiro, A. C. (2007) *Júlio Augusto Henriques: pioneiro nas ideias evolucionistas em Portugal*. Tese de Mestrado em Comunicação e Educação em Ciência apresentada à Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas da Universidade de Aveiro.
- Martins, A.C. (2011) 'Colher plantas. Semear ideias. Luís W. Carriso (1886-1937) e a ocupação científica das colónias portuguesas (1934)'. Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências, Coimbra, 26 a 29 Outubro.
- Mendes, J. A. (2000) 'O ferro na história: das artes mecânicas às belas-artes'. *Gestão e Desenvolvimento*, 9: 301-318.
- O Instituto (1925) 'Instituto Botânico "Dr. Júlio Henriques"'. *O Instituto*, 72, 3: 247-265.
- O Occidente (1882) *Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, volume V, nº 111, 21 de Novembro.
- Paiva, J. (1981) *Jardins Botânicos – sua origem e importância*. Coimbra, Separata de Munda, 2: 35-43.
- Paiva, J. & Pereira, J. T. M. (1989) 'Um projecto (rejeitado) de Vandelli para o Jardim Botânico de Coimbra'. *Encontro sobre o Jardim Português (séculos XV a XIX)*, Palácio Fronteira, 2.4 Junho. Fundação das Casas de Fronteira e Alorna.
- Pereira Coutinho, A. (2005) *Index Seminum – o catálogo de sementes do Jardim*. Rua Larga, 8: 8-11.

- Quintanilha, A. (1980) 'Evocando o passado'. *Boletim da Sociedade Broteriana*, vol. LIII, 2ª série, 1ª parte: LXXV-LXXXIX.
- Rodrigues, M. A. (1992) *Memoria Professorum Universitatis Conimbricensis, 1772-1937*. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Simão, H., Sá Marques, J.A. & Freitas, H. (2013) 'The contribution of a Spring water source to the water needs of the Botanical Garden of the University of Coimbra'. *Water Science & Technology: Water Supply*, 13.5: 1410-1418.
- Simões, A.F. (1882) 'Estabelecimentos científicos de Portugal – O Jardim Botânico da Universidade'. *Occidente*, 5º anno, Vol. V, nº. 114 de 21 de Dezembro.
- Soares, A.L., Menezes, B.M., Castel-Branco, C., Manso, F., Fontes, I., Lima, I.P., Andrade, I., Ribeiro, J., Silva, M.M., Malheiro, M., Sousa, M.C., Carvalho, R. & Chambel, T. (2010) *Recuperação de Estruturas Hidráulicas, muros e caminhos em jardins históricos*. Lisboa: Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos.
- Sousa, N. (2000) 'Os "Canto" nos Jardins Paisagísticos da Ilha de São Miguel'. *Arquipélago – História*. 2ª série, IV, nº1: 131-312.
- Sousa, L. P. (2001) *Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: introdução ao Estudo da sua evolução*. Coimbra. Prova final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.
- Teixeira, A. J. (1890) *Como se fez o Jardim Botânico e o mais que depois sucedeu*. O Instituto, XXXVII: 360-363.
- Varanda, J. (2007) 'O biombo de fotos' in Bernaschina P., *Missão Botânica – Transnatural – Angola 1927-1937*, Coimbra: Artez

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Carine Azevedo, Helena Nunes e Liliana Gonçalves a colaboração nas pesquisas históricas.